

# Significados da morte para profissionais de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos

*Meanings of death for professionals in a Long Stay Institution for the Elderly*

<https://doi.org/10.5335/rbceh.?????.?????>

Patricia-Petterman<sup>1</sup>, Bruna-Maziero<sup>2</sup>, Francine-Casarin<sup>3</sup>, Silomar Ilha<sup>4</sup>

## Resumo

O objetivo deste estudo foi conhecer os significados de morte e morrer para profissionais que trabalham em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Trata-se de uma pesquisa qualitativa. A coleta de dados ocorreu numa IPLI privada em um município do interior do Rio Grande do Sul – RS, entre os meses de fevereiro e março de 2019. Foram convidados a participar um profissional de cada núcleo de atuação, totalizando seis participantes, sendo eles: um profissional da enfermagem, um da fisioterapia, um da fonoaudiologia, um da psicologia, um da terapia ocupacional e um técnico em enfermagem. Os instrumentos utilizados para esta pesquisa foram um questionário e uma entrevista semiestruturada. Os profissionais demonstram serem afetados por sentimentos distintos no processo de enfrentamento da morte e do processo de morrer das pessoas idosas as quais dispensam o cuidado. Portanto, demonstram que a morte é um processo de construção contínua que se estende ao longo da vida do ser humano.

Palavras-chave: Idosos. Instituição. Profissionais da saúde. Morte.



**RBCEH**

Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano



**CIEEH2022**

Congresso Internacional de Estudos do Envelhecimento Humano



**REPRINTE**

Rede de Programas Interdisciplinares em Envelhecimento

V SIMPÓSIO REPRINTE

<sup>1</sup>Terapeuta Ocupacional\_ Universidade Franciscana (UFN). <sup>2</sup>Terapeuta Ocupacional\_ Doutotanda em Gerontologia Biopedica (PUCRS), Santa Maria/RS. <sup>3</sup>Enfermeira. Mestranda do Programa Ciências da Saúde e da Vida(UFN), Santa Maria/RS. Enfermeiro Gerontólogo, Professor Universidade Franciscana, Santa Maria/RS <sup>4</sup>

## Introdução

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), representam um sistema social organizacional, que oferece auxílio à pessoa idosa em vulnerabilidade social, desprovido de vínculo familiar ou sem condições de garantir o seu sustento (CREUTZBERG, 2011). O aumento da população idosa e da carência de cuidadores formais e/ou informais, tem aumentado a institucionalização dessas pessoas. Nas ILPIs, a convivência com a morte faz parte do cotidiano de trabalho da maioria dos profissionais, acarretando sobrecarga emocional (KOVÁCS, 2002). Em geral, os profissionais não possuem formação suficiente sobre o assunto (MACHADO; PESSINI; HOSSNE, 2007). No Brasil, são inexistentes as políticas públicas educativas voltadas à temática da finitude da vida, o que denota uma carência do assunto em disciplinas de cursos de graduação da área da saúde (OLIVEIRA; AMORIM, 2008). Nesse sentido, torna-se relevante possibilitar debates e conversas a respeito deste processo, com o propósito de repensar o saber intuitivo e, a partir disso, (re)construir novos pilares para disciplinas e programas dos conteúdos curriculares (LIMA, *et al.*, 2012). Diante do exposto, e levando em conta a complexidade do tema, esse estudo tem como objetivo conhecer os significados de morte e morrer para profissionais que trabalham em uma ILPI.

## Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que ocorreu numa ILPI, privada, situada em município do interior do Rio Grande do Sul/RS. A instituição é composta por uma matriz e uma filial com endereços distintos, com capacidade para atender 12 idosos, e tendo uma média de 16 profissionais atuando em cada local. Foram convidados a participar desta pesquisa um profissional de cada núcleo profissional. O convite aos profissionais foi feito numa reunião de equipe. Sendo assim, aceitaram participar do estudo seis voluntários de distintas áreas, dentre elas: Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia, Terapia Ocupacional e Técnico em Enfermagem. Para coleta de dados utilizou-se um questionário para caracterização dos participantes e uma entrevista semiestruturada, composta por sete perguntas, que foram em direção aos objetivos da pesquisa. Os dados foram coletados nos meses de fevereiro e março de 2019 e analisados conforme o objetivo do estudo. A pesquisa seguiu os preceitos da Resolução 466/12, foi protocolado junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Franciscana (CEP), aprovado sob o CAAE 03908618.6.0000.5306 e parecer número 3.093.133.

## Resultados e discussão

Para facilitar a visualização dos dados obtidos pelo questionário, inicialmente apresenta-se o Quadro 1, a caracterização dos participantes da pesquisa, sendo descritos os achados com relação a idade, sexo, religião, formação/cursos extras e tempo de atuação. Após, segue a análise e interpretação dos dados.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Profissão	Idade	Sexo	Religião	Formação - cursos extras: Pós-graduação	Tempo de atuação na clínica
Enfermeira	27 anos	F	Católica	Enfermeira com Mestrado em enfermagem/ Especialização em obstetrícia;	1 ano
Fisioterapeuta	25 anos	F	Católica	Fisioterapeuta com Especialização em Disfunções Neurológica;	3 anos
Fonoaudióloga	48 anos	F	Católica	Fonoaudióloga com Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana;	13 anos
Psicóloga	35 anos	F	Espírita	Psicóloga com Especialização Psicanalítica/ Redes de Saúde Mental;	3 anos
Técnica de enfermagem	37 anos	F	Evangélica	-	6 meses
Terapeuta ocupacional	25 anos	F	Católica	Terapeuta ocupacional, com especialização em Gerontologia e Saúde mental;	1 ano e 7 meses

Fonte: As autoras

As profissionais no decorrer da pesquisa, demonstraram sentirem-se afetadas pela morte das pessoas idosas às quais realizam o cuidado. A tristeza e a angústia são sentimentos que emergem nesses momentos, assim como a falta de preparo para lidar com esse fato. Isso fica exemplificado nas falas que seguem:

*“É algo que a gente sabe que vai acontecer, mas não está tão preparado para isto, é triste”. (P2). “Sabemos que isso é uma coisa que vai acontecer para todos, e quando nos deparamos com a morte de um paciente ou ente querido, percebemos que nunca se está preparada para este momento”. (P6)*

Nesse sentido, a relação entre vida e morte, comumente é algo que desperta angústia, reflexões, estudos e também negações (SIMAN; RAUSCH, 2017). O sentimento que a morte traz para a equipe, expõe essa angústia, que ela representa, porque os cuidados relacionados com ela, não se encerram com o término da vida. Os profissionais ainda precisam comunicar e consolar, familiares e amigos. Ao mesmo tempo, alguns integrantes da equipe, tem o compromisso de cuidar do corpo após o óbito (SANTOS; HORMANEZ, 2013).

As participantes mencionaram também que durante a formação profissional não tiveram contato com a temática em questão, e que em certos momentos isso dificulta o modo de perceber, encarar e lidar com o processo de finitude da vida.

*“Faço terapia, procuro também ler bastante. Na minha formação não se viu muita coisa sobre este tema, então, quando eu vim trabalhar aqui, procurei buscar bastante coisa sobre o tema para trabalhar, e também, me fortalecer enquanto profissional, então, busco alguns cursos, algo que traga mais conhecimento e mais embasamento tanto teórico, quanto pessoal.”* (P3).

Desse modo, torna-se relevante a realização e participação de debates e rodas de conversas sobre esse processo de morte-morrer para repensar o conhecimento intuitivo e, com isso, elaborar novas bases para disciplinas e programas curriculares (LIMA, et al., 2012).

Por fim, as participantes mencionam que o encontro com a morte das pessoas idosas, as fez pensar sobre a sua própria morte, e a finitude de seus familiares. Assim como fazem uma reflexão do processo de envelhecimento, ou seja, como se preparam para essa etapa da vida. *“Penso assim, que nossas vidas, nossos hábitos alimentares, o nosso cotidiano, tudo isso tem uma influência na qualidade de vida para quando chegar a velhice”.* (P4) *“Sim penso, mas principalmente na morte dos meus familiares, pois convivo muito e são pessoas que eu gosto bastante, então reflito sobre isso”.* (P1). Carmona, Santos e Fonseca (2011, p.199) afirmam que “saber que nos depararemos em algum momento com a morte causa temor e angústia devido ao mistério envolto nessa experiência, de um desconhecido, incognoscível que está por vir”. Diante disso, essa experiência sempre será individual, singular e única.

## Conclusão

Considera-se que as percepções e significados de morte são um processo de construção contínua. Não existe um manual a ser seguido, e que se aprende no cotidiano de cuidado e assistência a lidar com esse momento. No entanto, por se tratar de um fenômeno desconhecido, ele é causador de angústia, tristeza e negação. O que torna imprescindível que os cursos de formação da área de saúde, principalmente, insiram em seus currículos disciplinas sobre a temática da finitude da vida, para que possa assim, subsidiar a prática dos futuros profissionais.

## Agradecimentos

Deve ser dirigido àqueles que contribuíram de maneira relevante à elaboração do trabalho. Obrigatório para trabalhos financiados com recursos de agências de fomento (CAPES, CNPq, FINEP, FAPERGS etc.).

## Referências

CARMONA, D. Souza; SANTOS, F. O.; FONSECA, S. L. Bioética, Eutanásia e Psicologia: tecendo algumas reflexões. *Mnemosine*, v.7, n. 2, 2011.

CREUTZBERG, M. et al. Acoplamento estrutural das instituições de longa permanência para idosos com sistemas sociais do entorno. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v.32, n.2, p.219-25, jun 2011.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: um desafio na formação de profissionais de saúde e educação [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2002.

LIMA, M. G. et al. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. *Rev. Eletr. Enf.*, jan/mar; 2012.

MACHADO, K. D. G.; PESSINI, L.; HOSSNE, W. S. A formação em cuidados paliativos da equipe que atua em unidade de terapia intensiva: um olhar da bioética. *Bioethikos*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 34-42, 2007.

OLIVEIRA, W. I. A.; AMORIN, R. C. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p.191-198, jun. 2008.

SANTOS M. A.; HORMANEZ, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciência & Saúde Coletiva*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 9, p. 2757-2768, maio. 2013.

SIMAN, A.; RAUSH, C. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. *Fac. Sant’Ana. Revista*, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. Set. 2017.